

ESMAE

POLITÉCNICO
DO PORTO

ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E DAS ARTES DO ESPECTÁCULO

Dissertação/Projecto para obtenção do grau de mestre em Direcção de Cena e Produção

O Teatro Regional da Serra de Montemuro

Uma Viagem dos Sentidos

Anexos

A mestranda

Vera Carvalho

do **Mestrado em Teatro**

Especialização em Direcção de Cena

e Produção

Porto, 2010

Anexo 1 – Sinopses e Fichas Artísticas das Peças em Digressão.¹

O Anjo de Montemuro

Sinopse

1755. A terra treme. O mar rugem. Ondas do tamanho de uma casa caem sobre Lisboa. Corpos espalhados. O fedor a morte. Gritos de mágoa sem fim. Uma figura branca: Estava a dormir. A trave desabou sobre suas costas. Cortou-o quase ao meio.

Acordou. Dor. Sangue. Morri? Inferno? O que aconteceu? Onde estou? Onde está ela? Lágrimas de dor. Como aguentar esta chaga às costas? Perdido. Caminhar. Caminhar. Caminhar...

Deixou a cidade por trás e andou, descalço pela estrada fora. Não sentia as pedras a cortar os pés, o frio da noite, a ferida aberta que lhe atravessava as costas. Só comia quando alguma alma generosa lhe desse de comer. Bebia água dos ribeiros. Dormia nas valetas. Ficou fraco, cada vez mais fraco. A pele branca, quase transparente, como a camisa de dormir que ainda vestia. Passados muitos dias subiu a serra. Procurava o fim do mundo, o sítio onde a terra acaba e começa o abismo. Álvaro, o pastor cego que guardava o seu rebanho encontrava-se no cimo do monte, como em tantos outros dias. Mas neste tudo mudou...um milagre! Os seus olhos voltavam a ver! "O velho Álvaro vê! Viu um anjo! Um anjo na serra!".

Está magoado. Tem grandes feridas nas costas. "É aqui... é aqui que deviam estar as asas... foram arrancadas do corpo... foi o vento. Aquele vento tinha força suficiente para arrancar um anjo dos céus". Quem se atreveu a cortar as asas de um anjo de Deus?

Eles sabiam o que fazer com ele. Deram de comer e de beber ao anjo do Montemuro. "Venham ver, venham ver. Uma moeda para ver o Anjo do Montemuro."

Ficha Artística

Texto: Peter Cann

Tradução: Graeme Pulleyn

Encenação: Steve Johnstone

Direcção Musical: Simon Fraser

Cenografia: Ana Limpinho e Maria João Castelo

Figurinos: Ana Limpinho e Maria João Castelo

Costureiras: Capuchinhas CRL

Construção de Cenários: Carlos Cal e Rodrigo Viterbo

Desenho de Luzes: Paulo Duarte

¹ Fonte: www.teatromontemuro.com/

Intérpretes: Abel Duarte, Eduardo Correia, Paulo Duarte, Neusa Figueiro e Ricardo Rocha

Produção Executiva: Paula Teixeira e Susana Duarte

Assistente de Produção: Susana Duarte

Direção de Cena: Abel Duarte

Assessoria de Imprensa: Paula Teixeira e Susana Duarte

Design Gráfico: Helen Ainsworth

Em cena entre 22 de Novembro e 19 de Dezembro de 2008 Entre 22 de Janeiro e 27 de Março de 2009.

Classificação etária: Maiores 12 anos

Duração do espectáculo: 75 min. Sem intervalo

Da Minha Vista Ponto

Sinopse

"Comichão no nariz quer dizer que vais ser beijada por um tolo."

"Nunca como nozes a bordo de um navio."

Da Minha Vista Ponto é uma comédia sobre excentricidades – diferentes formas de ver o mundo. Fala sobre padrões e rituais que criamos, consciente ou inconscientemente, para que as nossas vidas façam sentido.

Uma toalha é estendida todos os dias numa varanda de um apartamento. Um dia, a toalha não aparece e a vida deste grupo peculiar é afectada: o professor de física quântica deixa de saber quando deve ir ao café; o agricultor não consegue escolher os números para o totoloto e a mulher que acredita que é gata perde o vislumbre do primitivista a nadar nu no rio no alto da serra.

Uma investigação sobre o desaparecimento do vizinho bibliotecário revela as ligações entre estas pessoas, conduzindo ao conflito, romance e confusão!

As histórias dos intervenientes são contadas através de uma mistura da comédia física e verbal, projecções e jogos de sons.

"Se apanhares uma folha cadente no primeiro dia de Outono, não apanhas uma única constipação em todo o Inverno."

"Pede um desejo com o primeiro pintarroxo que vires na Primavera e ser-te-á concedido."

Ficha Artística

Texto: Thérèse Collins e Peter Cann

Tradução: Graeme Pulleyn

Encenação: Graeme Pulleyn

Direcção Musical: Carlos Peninha

Cenografia: Helen Ainsworth

Figurinos: Helen Ainsworth

Construção de Cenários: Carlos Cal

Assistência à Cenografia: Ricardo Rocha

Participação na gravação da banda sonora: Rui Silva - percussão e Miguel Cardoso - contrabaixo

Intérpretes: Abel Duarte, Eduardo Correia, Neusa Fangueiro e Daniela Vieitas

Produção Executiva: Paula Teixeira e Susana Duarte

Direcção de Cena: Abel Duarte

Assessoria de Imprensa: Paula Teixeira e Susana Duarte

Cartaz: Helen Ainsworth

Presos por uma corrente de ar

Sinopse

Os instrumentos de sopro voltam à rua, a imponência da cenografia volta a marcar as praças, jardins e pátios das cidades e o trabalho dos actores será mais uma vez rigoroso e profissional.

A 10 de Junho de 2009 o Teatro do Montemuro estreia o espectáculo "*Presos por uma corrente de Ar*". Estará disponível desde 10 de Junho até 5 de Agosto de 2009.

A história?

"Imaginem uma praça no meio da cidade. Uma banda filarmónica e um Presidente que quer lançar a primeira pedra de uma grande obra. Imaginem quatro personagens, quatro presos a cumprir a pena em serviço comunitário, com o objectivo principal de "erguer" uma estátua integrada numa candidatura a Património da Humanidade. Imaginem agora um "deslize" no orçamento e uma necessidade urgente de terminar e apresentar a obra aos cidadão que, afinal, se encontram na praça para isso mesmo. De forma a "ocupar" o público até que a obra termine, o "nosso" Presidente e Maestro da Banda Filarmónica composta pelo particular e potente número de dois músicos, entretêm-se a criar e executar verdadeiros momentos de entretenimento.

O Teatro do Montemuro cria um novo projecto de teatro de rua, partindo de uma análise "muito exaustiva" da arquitectura contemporânea das nossas praças e rotundas, concebidas pelos arquitectos mais consagrados da nossa praça. Quem é que já não viu tais obras? Todos, claro! Quem é que não conhece estas obras, eruditas e abstractas, que só os grandes criadores conseguem descodificar e ver nelas as mais variadas referências? Passamos por uma rotunda e vemos uma destas obras emblemáticas e não vemos nela absolutamente nada, mas se tivermos a sorte de estar presente alguém

desse mundo, ilustra-nos a obra e a partir desse momento já vemos tudo, para não sermos considerados ignorantes.”

Ficha Artística

Texto José Carretas a partir de uma ideia original TM

Encenação José Carretas

Cenografia Kevin Plumb

Construção de Cenários Carlos Cal

Direcção Musical António Pedro

Intérpretes Abel Duarte, Eduardo Correia, Daniela Vieitas, Paulo Duarte + 3 músicos

Direcção de Produção Paula Teixeira

Direcção Técnica Paulo Duarte

Direcção de Cena Abel Duarte

Assistência à Produção Susana Duarte

Assessoria de Imprensa Paula Teixeira e Susana Duarte

Mãos Grandes

Sinopse

Personagens divertidas e coloridas de palmo e meio dão vida a um espectáculo dirigido essencialmente para as crianças. Um espectáculo divertido e acessível, com uma forte vertente pedagógica. Cada vez mais a nossa sociedade nos afasta de tradições e costumes, que um dia estiveram bem presentes em todas as aldeias do país. O moinho e o forno das aldeias tornaram-se locais sem vida, sem cor, sem emoções. O Teatro Regional da Serra de Montemuro, nas suas origens levaram-no a tentar renascer estes espaços, a tentar dar a conhecer aos mais pequeninos que o pão não vem das superfícies comerciais, que há todo um processo que vale a pena conhecer. O uso dos fantoches aproxima as crianças, estimula a sua curiosidade e atenção. As cores e os movimentos despertam a sua criatividade.

Ficha Artística

Texto: Thérèse Collins

Tradução: Paula Teixeira

Encenação: Steve Johnstone

Direcção Musical: Simon Fraser

Sonoplastia: Simon Fraser

Cenografia e Figurinos: Maria João Castelo e Ana Limpinho

Assistência à Cenografia: Abel Duarte, Eduardo Correia

Construção de Cenários: Carlos Cal e Rodrigo Viterbo

Intérpretes: Paulo Duarte e Daniela Vieitas

Produção Executiva: Paula Teixeira e Susana Duarte

Assessoria de Imprensa: Paula Teixeira e Susana Duarte

Cartaz: Lúcia Simões

Estreia: a 13 de Outubro de 2007 e esteve em cena até Abril de 2008

Público – Alvo: Espectáculo – Atelier para crianças até aos 8 anos de idade

Duração do espectáculo: 55 min, sem intervalo

SALOON YÉ-YÉ

Sinopse

Algures na serra, num planalto remoto e quase desértico, num lugar onde não passa ninguém, três audaciosos cowboys, mais um rapaz tocador de pianola e uma sedutora e exuberante cantora coxa, amiga do pianista, empreenderam um negócio rentável: um saloon. Deram-lhe um nome: Saloon Yé-Yé. Atrás do balcão do bar um letreiro: "Proibido não fumar". Nunca ninguém entrou no Saloon Yé-Yé.

A fama dos três audaciosos não é a melhor: Kid Mocas é míope e jogador de cartas muito ganancioso, batoteiro profissional e caçador de tudo o que vem à mira, "tudo o que vem à mira é caça". Bruto Bush é traficante de armas e petróleo (tem um ódio de morte a todos os que traficam droga e criancinhas). Speedy Meu (assim chamado por estar sempre a querer que os outros andem rápido, mas ele é mais lento que um caracol) é mexicano, trata da cozinha e do bar, e tem negócio de bares de alterne (é ele que controla a vida de Susy Carioca, a cantora coxa e descarada), discutindo sempre muito com Teclas Man, o pianista, que é cego e protegido de Susy. O Saloon vive dias animados com a música do cego pianista mais a cantoria de Susy, mas os clientes são apenas Kid Mocas e Bruto Bush, que bebem e experimentam truques de cartas. A porta do saloon abre-se e tudo pára. Será o primeiro cliente? Não. É Speedy Meu que vem da horta, com nabos para a sopa. É repreendido por não ter entrado como devia. Discussão, música e cantoria. Speedy Meu, amuado, vai atirar setinhas contra um alvo. Uma delas acerta no pianista. O cego atira-se a ele, mas agarra-se a Bruto Bush, que o empurra para Speedy Meu. De novo a confusão e de novo serenam os ânimos. O mal de tudo aquilo é não terem o negócio a correr como devia ser, constatam. "Isto um dia acaba como começou... de repente", profetiza Teclas Man. Pedem a Susy que cante umas coisas mais atrevidas. Kid Mocas sugere experimentarem as pistolas não só para passarem o tempo como para desenferrujarem as ditas. Speedy Meu propõe que ponham uma maçã em cima da cabeça de Teclas Man. Não é a primeira vez que Teclas Man se vê no papel do filho de Guilherme Tell com a maçã em cima da cabeça e, resignado, deixa que coloquem a maçã. Mas quando o primeiro atirador se prepara para disparar, a porta

do saloon abre-se. São dois forasteiros vindos de nenhures. Um deles troca olhares comprometedores com Susy e o outro parece conhecer Bruto Bush. Instala-se o incômodo. Querem beber e divertir-se. Teclas Man volta a sentar-se e toca a pianola. Susy canta, mas a música e a cançõeta são interrompidas com um tiro de um dos forasteiros. Bruto Bush é confrontado com uma dívida a um dos forasteiros. Vêm cobrá-la. Negócios. Mas este forasteiro é agora traficante de droga e Bruto Bush não está na disposição de saldar a sua dívida. "Dorga? Estás metido na dorga?" pergunta Speedy Meu. "Não é dorga, é droga", corrige Teclas Man, "Ouvi bem, não ouvi?" "Ouviste", diz o forasteiro. A questão para os forasteiros é simples: vêm tomar posse do Saloon. E se não o tomam a bem, tomam-no a mal. "Mas pretendem fazer um saloon alternativo, é?" pergunta o Teclas Man. "De alterne, sim.", respondem. E com a nova gerência a música e a animação não param. Sucedem-se números e personagens. Mas depois aborrecem-se com tanto divertimento. Agora que todos são amigos, por que não pensarem numa aventura mais séria e que os tire definitivamente do anonimato do deserto, ali no planalto da serra? Pensam num Saloon ambulante. Mas para isso precisariam de números de circo. Propõem o pianista para andar no arame. Fazem números de circo com a pianola a acompanhar. Mas desistem de fazer o saloon ambulante. Revela-se a antiga relação de um dos forasteiros com Susy Carioca. Era o seu chulo e quer fugir com ela porque não era como muitos, era um chulo especial, amava-a realmente. Ela ainda ama o seu chulo, mas fica a balançar entre ele e Speedy Meu. "Então e eu?", dirá o pianista. E uma noite o forasteiro foge com Susy Carioca. Vendo o outro forasteiro sozinho, Bruto Bush, junto com Kid Mocas (mas sem a ajuda deste, que só assiste) dá-lhe cabo da saúde, estimulando-o a beber copos e copos de whisky e ele bebe, bebe sem parar uns atrás dos outros, dezenas de copinhos, e tomba, acaba por tombar e levam-no para o meter depois na pia dos porcos, "Que o misericordioso tenha misericórdia de nós!" Vendo-se sem Susy Carioca, Speedy Meu - que finalmente se percebe que tem, também ele, uma paixão secreta por Susy - já não quer viver, e prepara-se para morrer nos braços do pianista, emborcando uma caixa de comprimidos para dormir (muitos coloridos "smarties") com whisky. Mas Susy Carioca arrependeu-se e volta para o saloon, mas quando chega já Speedy Meu está nos anjinhos. Então, alucinada, canta uma última canção, de despedida, e desaparece na noite, enlouquecida. O pianista tenta ir atrás dela mas não encontra a saída do saloon. "Mas onde é a porra da porta?" e está ele nisto quando entra Kid Mocas que traz Susy Carioca nos braços, também já nos anjinhos, e, silenciosamente, despeja-a junto de Speedy Meu. Teclas Man não se dá conta da presença de Susy Carioca e acaba por sair, chamando por ela e jurando que vai arranjar um cão piloto. Bruto Bush entra. "Onde está o pianista?", pergunta. "Foi fazer uma mija", diz Kid Mocas. "O show tem de continuar.", diz Bruto Bush. Comentam e elogiam os amores de Speedy Meu e Susy Carioca. Talvez que o Teclas Man tenha desistido, quem

sabe? "O melhor é arrumarmos isto aí atrás do balcão. Aqui à vista até parece mal", diz Bruto Bush. E arrastam Speedy Meu e Susy Carioca, fazendo-os desaparecer. E agora está na hora do duelo. Tudo foi uma tramóia de Kid Mocas para se apoderar do saloon. Foi ele quem contratou os forasteiros. Aponta uma pistola a Bruto Bush. Os dois afastam-se de modo a enfrentarem-se para um duelo. Quando estão prontos para sacar as pistolas, entra um comando da AZAE (com Z de Zorro para evitar a ASAE), com fatos de operações especiais, gorro passa-montanhas e imobilizam os dois cowboys. Um dos agentes com estrela de xerife e com o livrinho das coimas interroga sobre as condições da salubridade do estabelecimento, a limpeza dos copos, as luvas que não existem, há pó sobre o balcão e etc. Não tem casa de banho e só isso basta para mandar fechar e selar o saloon. O saloon é selado e todos saem. Entra Teclas Man, perdido, ainda atrás de Susy. Senta-se à pianola e toca uma melancólica melodia. "Susy, Susy, a vida é para andar / Onde está o pássaro para eu poder cantar?"

Ficha Artística

Texto: Abel Neves

Encenação: Graeme Pulleyn

Direcção Musical: Carlos Clara Gomes

Cenografia e Figurinos: Ana Brum

Design gráfico: Zé Tavares

Interpretação: Teatro do Montemuro e Peripécia Teatro

Produção Executiva: Paula Teixeira e Susana Duarte

Assessoria de Imprensa: Paula Teixeira e Susana Duarte

Estreia: 31 de Outubro de 2009

Belonging

Sinopse

Pertencia é uma ama. Trabalha para um talhante. A loja deste em nada é comum nem ele é um talhante comum. Se quiserem fazer algum prato singular ou mesmo começar uma família ele arranja tudo o que precisam. Se procuram alguma carne em especial para agradar os vossos convidados ou até se procuram uma carne jovem ele tem sempre o produto que responda às vossas necessidades. Todas as semanas ele recebe carnes de primeira categoria e de vez em quando um cordeirinho perdido. O trabalho de Pertencia é cuidar das crianças que passam pelo talho. Ela dá – lhes todo o conforto que pode, conta – lhes histórias, tece contos de fadas do seu sofrimento e perda e contos fantásticos da excelente vida que eles vão ter quando se forem embora do talho, como deixarão para trás a pobreza e miséria e com asas voarem.

Um dia uma rapariga chega com um bebé e uma acusação. Ela confronta Pertencia sobre as mentiras que ela conta, as mentiras em que ela própria acreditou, obrigando –a a

enfrentar a realidade do talhante e finalmente a terrível verdade sobre ela própria e onde ela realmente pertence.”

“Belonging” toca o lírico e o grotesco, o comovente e o divertido. Move-se entre o real e o fantástico, utilizando criaturas do imaginário das nossas lendas, contos de fadas e mitos urbanos para explorar os nossos mais profundos medos e desejos.

Provocador e irreverente “Belonging” aborda temas intemporais como a perda, o abandono, o rapto, os medos das crianças e o terror dos adultos.

FICHA ARTÍSTICA

Texto

Peter Cann

Tradução

Graeme Pulleyn

Encenação

Naomi Cooke e Steve Jonhstone

Direcção Musical e Banda sonora

Mary Keith e Ricardo Rocha

Interpretação

Abel Duarte, Eduardo Correia, Paulo Duarte (Teatro Regional da Serra de Montemuro); Frances Land, Samantha Fox, Lucy Tuck (Foursight Theatre) e Ricardo Rocha (músico intérprete)

Cenografia, Adereços e Figurinos

Ana Limpinho e Maria João Castelo

Construção de Cenários

Carlos Cal

Assistência à construção de cenários

Maria da Conceição Almeida

Costureiras

Capuchinas CRL

Desenho de Luz

Foursight Theatre

Operação Técnica

Carlos Cal (TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO) e Penny Gaize

Direcção de Produção

Paula Teixeira (TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO) e Thomas Wildish (Foursight Theatre)

Assistente de Produção

Susana Duarte (TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO) e Abigail King (Foursight Theatre)

Assessoria de Imprensa

Paula Teixeira e Susana Duarte (TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO) e Thomas Wildish & Abigail King (Foursight Theatre)

Perdido no Monte

Sinopse

Perdido no meio da imensidão do monte, entre as serras e o uivo do lobo e o casco do cavalo, uma pequena floresta aparentemente deslocada resiste às intempéries que ameaçam a sua existência.

Neste lugar ermo, onde quase ninguém vai e ao qual uns chamam o Tribunal de Deus, outros o Santuário do Diabo, vivem seres que até os mais sábios julgam extintos.

É um universo mágico, que confunde histórias entre a fantasia e o que é, ou pode ser, verdade...

Fazemos apenas um pequeno exercício de caminhos no tempo, onde o tempo deixa de ter idade e parece que nada se acaba, dando a impressão que caímos num outro mundo...

O que contamos são rumores, ecos que se ouvem pela serra...A verdade? Essa pouca gente a sabe... Aqueles que tiveram a sorte de lá entrar, regressaram em silêncio, sem deixar sair uma só palavra para aliviar a nossa curiosidade...

FICHA ARTÍSTICA

Texto

Eduardo Correia

Encenação

Steve Johnstone

Tradução

Paula Teixeira

Cenografia

Sandra Neves

Figurinos e adereços

Helen Ainsworth

Construção de Fantoques

Neusa Fangueiro

Construção de Cenários

Carlos Cal

Assistência à cenografia e adereços

Daniela Vieitas , M^a Conceição Almeida e Nuno Bravo Nogueira

Costureiras

Capuchinhas CRL

Direcção Musical

Ricardo Rocha

Interpretes

Abel Duarte, Eduardo Correia e Paulo Duarte

Direcção de Cena

Abel Duarte

Operação Técnica

Carlos Cal

Direcção de Produção

Paula Teixeira

Assistência à Produção

Susana Duarte

Assessoria de Imprensa

Paula Teixeira e Susana Duarte

Lotação máxima

60 pessoas

Público Alvo

Crianças entre os 6 e os 10 anos e famílias

Remendos

(Estreia a 19 de Fevereiro de 2011)

Sinopse

Inês é uma jovem cheia de vida, talvez a rapariga mais bonita da aldeia. Por isso, não é surpresa ela atrair a atenção do filho da família mais rica da aldeia. Muito rapidamente, o casamento é "arranjado" pelos pais de ambos. Como é que esta mulher consegue sobreviver no mundo deles? Como resolver a situação quando o que está em jogo é a reputação da sua família? Tudo acontece sob o olhar atento de uma comunidade muito unida, cujo principal

passatempo é julgar os outros, empurrando as “presas” para o abismo! Não há esperança para Inês a não ser deixar-se levar... Manipulada e presa entre aqueles que lhe querem bem, até pelo seu próprio pai, ela consegue sobreviver neste novo mundo, acabando por se tornar numa peça fundamental no negócio da família.

Ela esforça -se para que a sua filha tenha uma vida diferente, livre das “regras” da família, onde possa escolher quem amar...

Mas onde se esconde um segredo de que não se pode falar?

Até onde é capaz de lutar contra tabus sociais e manter a paz?

Remendos Uma viagem comovente e divertida, mas dolorosa emocionalmente que nos transporta para a mente conturbada de uma mulher. A sua vida apresentada dentro e fora de uma realidade bamboleante, entre o real e surreal.

FICHA ARTÍSTICA

Texto

Thérèse Collins

Encenação

Paulo Duarte

Direcção Musical

Ricardo Rocha e Carlos Adolfo

Interpretação

Abel Duarte, Eduardo Coreia, Isabel Pinto, Paulo Freitas e Rebeca Cunha

Cenografia e figurinos

Ana Limpinho

Desenho de Luz

Paulo Duarte

Construção de Cenários

Carlos Cal

Assistência à construção de Cenários e Cenografia

Maria da Conceição Almeida

Direcção de Produção

Paula Teixeira

Assistência à Produção

Susana Duarte

Assessoria de Imprensa

Paula Teixeira e Susana Duarte

Anexo 2 – Sinopses e Fichas Artísticas de Outras das Peças²

Lobo/Wolf

Sinopse

Dois irmãos encontram-se pela primeira vez em vinte anos, apesar de não falarem a mesma língua vão-se entendendo aos poucos embora algo nos deixe sempre inquietos – um guarda-roupa misterioso que não se pode abrir. Mas a curiosidade e o destino são demasiado fortes para o manter fechado e, primeiro aos poucos. E depois com determinação revela um segredo passado e um mundo no qual homens e lobos andavam lado a lado – um mundo cheio de beleza comédia e drama – a visão de um paraíso perdido. Lobo-Wolf é um espectáculo que explora profundamente o tema dos lobos e dos homens, através da representação física, comprometida, visual e íntima, repleta de tensão, emoção e energia.

Ficha Técnica

Texto: Abel Neves e Therese Collins

Encenação: Steve Johnstone

Intérpretes: Paulo Duarte e Graeme Pulleyn

Luz e Som: Carlos Cal

Cenografia/ Figurinos: Purvin

Viagem dos Sentidos

Sinopse

*"Aparelhei o barco da ilusão
e reforcei a fé de marinheiro
Era longe o meu sonho
e traiçoeiro
o Mar"*

Miguel Torga, Câmara Ardente

Miguel Torga descrevia em poucas palavras o "sem sentido" desta viagem. Retalhos de sonhos entre a serra e o mar que ditos desta forma simples, tudo parece tão perto! Só depois é que percebemos que essa distância física é profundamente marcante, criando um espaço vazio onde restam barreiras quase intransponíveis, que nos permite imaginar dentro dos limites dos sonhos um mundo de fantasia que nos faz viajar no tempo, onde os animais também falam, as águas reclamam justiça, sonhos vividos por outros,

² Fonte: www.teatromontemuro.com/

quadros vivos em tela de palco pintados com cor de gente. Até o amor espreita nas frinchas do sol e com cidades tão reais que nesta viagem nos deixam na dúvida.

Será que somos donos dos nossos sonhos?

Que só sonhamos com o que queremos e sentimos?

Com frases. O que está do lado de lá?

São sonhos presos às memórias que não te deixam sonhar.

Com perguntas. Até onde acaba a ilusão e começa a realidade?

Que raio de vida é esta, sempre nas mãos do tempo?

Todos estes elementos aparecem de sonhos vivos dos alunos que durante vários meses criaram um mapa de desejos, palmilhando o caminho dos sentidos sobre as coordenadas dos sons, entre passos de dança e palavras surdas.

Palavras surdas?! Não faz sentido!

Eduardo Correia

Director Artístico do Teatro Montemuro

FICHA ARTÍSTICA

Texto

Eduardo Correia e Inês Barahona

Encenação: Paulo Duarte

Direcção Musical

Ricardo Rocha

Coreografia

Susana Gaspar

Cenografia

Helen Ainsworth

Adereços

Helen Ainsworth

Apoio à Construção de Adereços

Carlos Cal

Figurinos

Helen Ainsworth

Costureiras

Capuchinhas CRL e Maria do Carmo Félix

Interpretes

Abel Duarte, Daniela Vieitas, Nuno Bravo Nogueira e Neusa Fangueiro; Ana Margarida Frias, Ana Paula Barreira, Cristiana Almeida, Raquel Teixeira, Bruno Portela, Carolina Santos, Clarisse Reis, Daniela Magalhães, Élia Cunha, Fabiana Magalhães, Flávio Caetano, Francisco Seixas, Ivan Miguel Lameiras, João Guerra, João Abreu, Miguel Ferreira, Eduarda Magalhães, Júlio Rodrigues, Filipa Duarte, João Paulo Soares, Jorge Morgado, José Gouveia, Manuel Rodrigues, Maria do Carmo Azevedo, Matilde Velloso, Mélanie Mendonça, Ricardo Morgado Dias, Sandra Barreto, Sérgio Fernandes e Sílvia Coelho

Operação Técnica

Carlos Cal e Rui Leitão

Desenho de Luz

Paulo Duarte

Produção

Paula Teixeira e Susana Duarte

Assessoria de Imprensa

Paula Teixeira e Susana Duarte

Coordenação do Projecto na Escola

Prof.^a Manuela Gama e Prof. Hugo Fernandes

Cartaz

Helen Ainsworth com a colaboração de Lionel Balteiro, Prof. Maurício Teixeira e alunos do CEF de Fotografia da Escola Secundária Latino Coelho

Documentário Fotográfico do Projecto

José Manuel Ribeiro, José Ricardo Monteiro e Micael Barros

Paulo Duarte sobre o espectáculo:

Agora já crescemos um pouco mais, mentalmente, interiormente como humanos que somos e como personagens que contam esta história para o mundo exterior. Muita coisa se aprendeu ao longo do ano anterior. Quem somos, o que queremos e que podemos ter e ser. Tudo isso foi alcançado no *Sem sentido*. É o nosso dever como contadores de histórias que somos, dar o passo seguinte, que para alguns será o primeiro, mas para outros é a confirmação, a vontade de ser algo mais, Sem alterar muito a história que já vinha do ano anterior *Viagem dos Sentidos* vêm demonstrar que tudo está sempre em crescimento, mesmo quando se pensa que está pronto e acabado.

Um espectáculo é como um ser humano, está sempre a mudar, alterar, a transformar, mas só com um mero objectivo: crescer.

ALMINHAS

Podes encontrar-te
num cruzamento
com o vento a morrer
e o esconder da lua

Podes pensar que ouves
o cá cá cá de cascos
o chin-chin de correntes
um suspiro ... ou um riso?

Não hesites
não pares
nem esperes
e por Amor de Deus, não te voltes

São estas as histórias das alminhas
cujos gritos são a música do diabo
cujas cantigas são as saudades dos perdidos

criação colectiva de ABEL DUARTE, CARLOS CAL, EDUARDO CORREIA, GRAEME PULLEYN, PAULO DUARTE, PETER CANN, SIMON FRASER

tradução GRAEME PULLEYN encenação PETER CANN música original SIMON FRASER

interpretação ABEL DUARTE, EDUARDO CORREIA, GRAEME PULLEYN, PAULO DUARTE

cenografia SUE HALL e TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO máscaras MESTRE ADÃO DE LAZARIM

carpintaria de cena CARLOS CAL figurinos SUE HALL e TEATRO REGIONAL DA SERRA DE MONTEMURO

O TEATRO REGIONAL DA SERRA DO MONTEMURO

O T.R.S.M. nasceu em 1990 com a ideia de realizar dois objectivos principais:

- Fazer Teatro profissional de alta qualidade no meio rural, do meio rural e para o meio rural;

- Divulgar, diversificar e celebrar a cultura rural como contribuidora fundamental da cultura nacional.

Durante os últimos nove anos o T.R.S.M. tem trabalhado para desenvolver um estilo de teatro ajustado ao meio rural, reflectindo os seus prazeres e os seus desafios e procurando um lugar no panorama teatral português, europeu e mundial.

FÉNIX E KOTA KOTA

Fénix e Kota Kota, dois alegres e divertidos extraterrestres, aterram repentinamente, na Serra do Montemuro com o intuito de ajudar o povo de uma aldeia da Serra, que se encontra ameaçada pelo incendiário Brasas, cujo único objectivo é o de pegar fogo ao mundo.

A nova produção do T.R.S.M. inspirou-se nas tradições do teatro popular, conjugando Buffon com teatro de sombras, números de variedades com momentos de poesia, ópera com técnicas de circo, o aparentemente real e o verdadeiramente fantástico.

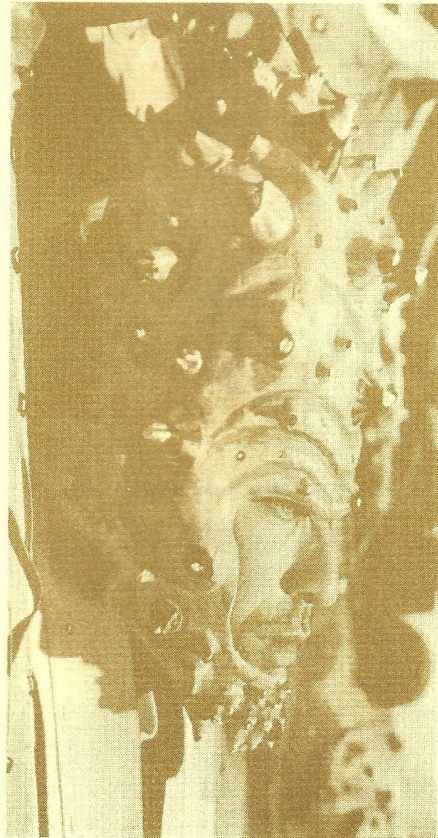
A nave espacial de Fénix e Kota Kota, viaja não só no espaço, como também no tempo, atingindo, por vezes, resultados desastrosos e surrealistas.

O resultado é um simpático e misterioso cenário, cheio de surpresas, mistérios e transformações, que é, em parte, Arca de Noé, Caravela dos Descobrimentos, Ficção Científica e Ferro Velho.

SOBRE O CENÁRIO:

Abandonámos o tradicional relacionamento entre o palco e a plateia e criámos um espaço cénico alternativo que transforma espaços amplos de forma a que o público viaje em várias dimensões.

O espectador não descansa. O espectáculo acontece a toda a sua volta, numa permanente definição e redefinição do espaço teatral e da relação entre os actores e plateia.



PEDRO CUNHA



"Lobo/Wolf", co-produção do Teatro Regional da Serra do Montemuro com o Pentabus/Theatre Company hoje reposta em Coimbra

O milagre do lobo bilingue

VEM DE LONDRES? Vem de Nova Iorque? Vem de algum país lusófono que aderiu à Commonwealth? Não. "Lobo/Wolf" vem da Beira Interior e é bilingue por ser uma co-produção anglo-portuguesa — do Teatro Regional da Serra do Montemuro com a Pentabus Theatre Company.

Escrito a quatro mãos por Abel Neves e Therese Collins, estreado em Março de 1995 e interpretado por Eduardo Correia

e Graeme Pulleyn, um português e um inglês, "Lobo/Wolf" foi concebido para ser visto pelos 50 habitantes da aldeia de Campo Benfeito (Castro Daire). Mas acabou por percorrer o rectângulo nacional de norte a sul, de Viseu a Lisboa, de Tondela à Covilhã, do Festival da Guarda ao de Montemor-o-Velho e ao de Portalegre. Passou mesmo de fugida por Coimbra, onde volta hoje para cinco dias de representações. Quem sonhe com uma arte

ancorada no húmus da terra portuguesa, mas com uma dimensão universal — um teatro realista e mágico, com tanto de primitivo como de elaborado —, tem o raro privilégio de ver isso e muito mais, a partir de hoje e até domingo, todas as noites, às 21h30, na Sala Estúdio dos Bonifrates (Casa da Cultura). Perdida esta oportunidade, terá de esperar muito até poder ver outro milagre como este. ■

Manuel João Gomes

Anexo 4 – Outros Inquéritos

Introdução

Olá! Eu sou a Vera Carvalho, sou aluna do Mestrado em teatro na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE), uma escola do Porto, e gostava de fazer algumas perguntas sobre o Teatro Regional da Serra de Montemuro que é o tema do meu trabalho final. Esta entrevista tem como objectivo recolher dados sobre a companhia e sobre o seu público.

Inquérito a pessoas da aldeia

Nome:

Idade:

Sexo:

Actividade Profissional:

Costuma ver os trabalhos do Teatro Regional da Serra de Montemuro? Vai às estreias?

Sabe o que é o festival altitudes?

Como é a aldeia na altura do festival altitudes?

O que é que o Teatro Regional da Serra de Montemuro trouxe à aldeia?

O que pensa da iniciativa da companhia - os convívios comunitários?

Obrigada!

Inquérito a pessoas de aldeias vizinhas

Nome:

Idade:

Sexo:

Actividade Profissional

Nome do local/aldeia onde vive: _____

Já ouviu falar no Teatro Regional da Serra de Montemuro?

Viu algum trabalho do Teatro Regional da Serra de Montemuro?

O que é que o Teatro Regional da Serra de Montemuro trouxe à região?

Sabe o que é o festival altitudes?

Alguma vez foi ao festival?

Obrigada!